

CRITICA ESTADA

O título do livro sugere um enfoque existencial do problema exercido pelo cinema. O termo "circunstância" tem sido usado e abusado no contexto do pensamento existencial desde a famosa sentença de Ortega. Mas a leitura do livro parece querer desmentir a expectativa sugerida pelo título. Quatro longos capítulos tratam da história do cinema como procura de uma linguagem e expressão, em estrutura nova, a "realidade". O leitor segue o raciocínio do autor nesses quatro capítulos com interesse crescente, porque está sendo introduzido ao aspecto formal da criação cinematográfica, cuja problematidade não suscitava como simples espectador na plateia. Foi absorvido fica pela leitura, que arquiva mentalmente a sua primeira expectativa. Depois surge o quinto capítulo, o último do livro. É o leitor vertice, surpresa, que tudo que tinha lido até aqui era introdução ao tema. Vertice que a estrutura do livro é esta: 122 páginas de introdução, e 16 páginas de exposição do tema. E vertice ainda que o tema pode ser condensado em duas sentenças que aparecem nas páginas 127 e 128 do livro. São estas: "Em Trinta Anos esta Noite", a penosa impressão que causam as coisas sem mistério acaba por levar a personagem ao suicídio" e "Pego porém no leitor 14- pessoa para admitir a câmara intervindo como elemento de salvagem, arrebatando a personagem, fazendo-a sentir um novo impacto das coisas". O cinema como método de salvagem em circunstância lenta de mistério: eis o tema do livro. O homem lançado em circunstância sem significado, e o cinema como método de dar significado-caso. O cinema como revelador de "mysterium tremendum".

Por que esta estrutura curiosa do livro? Por que esta desproporção entre introdução ao tema e exposição do tema? Acaso se trata de um truque técnico, destinado a aguar a curiosidade do leitor pelo sistema que os americanos chamam "teatralização"? Acaso se trata de uma concessão que o autor faz ao espírito "objetivista" ao dedicar a maior parte do seu livro a uma discussão formal e histórica-cinematográfica? Não o creio. Creio, muito mais, que o autor procede como quem vai mergulhar em água gelada. Corre em redor da piscina, molha o pé, faz de conta que vai mergulhar, atasta-se arrepiado, toma novo ânimo, e, finalmente, no quinto capítulo, mergulha. E se tormos a ler o livro no espírito que esta exposição sugere, encontraremos, encastreadas nos quatro capítulos introdutórios, premonições do mergulho. Limitarei esta resenha à discussão daquilo que tomo por tema central e das premonições desse tema.

Na página 32 encontramos: "O cinema, arte deste século por excelência, joga com um dado fundamental...: o tempo". Na página 39: "O absurdo dos que pretendem reverter o social como o único aspecto da realidade". Na mesma página: "O cinema social que subtrai o aspecto social... e o eleja como único... encontram na Rússia de Stalin e na Alemanha de Hitler o campo ideal de desenvolvimento". Na página 46: "Com o cinema surgiu uma nova criação: a criação num mundo estranho...". Na página 53: "Na luta que o homem tem empreendido nos últimos decênios para demonstrar que não é desnecessário, o cinema preencheu o vácuo da sua solidão...". Na página 55: "Penso que em arte somente o realismo pode fornecer o retrato desse animal que se alimenta de transcendências". Na página 117: "O festival como volta à natureza e integradas numa vida distante do manduquele no realismo". E do quinto capítulo saliento as seguintes sentenças: "po-